

OS CURSOS DE FORMAÇÃO/ESPECIALIZAÇÃO DE PROFESSORES DE SURDOS, NO BRASIL E EM PORTUGAL (1950-1980): HISTÓRIAS CONECTADAS

TRAINING / SPECIALIZATION COURSES FOR DEAF TEACHERS IN BRAZIL AND PORTUGAL (1950-1980): CONNECTED STORIES

Geise de Moura Freitas¹

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES



Resumo

O artigo em questão buscou analisar como se deu a influência do cenário educacional mundial no Curso Normal (1951-1957) e nos Cursos de Especialização de Professores de Deficientes Auditivos (1957-1972/1981-1985), do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM) / Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no Brasil, e no Instituto Jacob Rodrigues Pereira - IJRP (1952-1956/1961-1963/1982-1984), em Portugal, lançando luz à relação que estabeleceram. Foi utilizado o referencial teórico-metodológico dos estudos comparados, nos termos de Nóvoa (1995, 1998), na perspectiva teórica do sistema mundial articulada à abordagem das perspectivas sócio-históricas. As análises das fontes orais e escritas nos indicam que os cursos referidos, nos dois países em questão, foram inscritos na concepção clínico-pedagógica, na estrutura organizacional e atitudinal que marcou e singularizou a educação especial, com o ensino dos deficientes auditivos servindo, preponderantemente, a propósitos terapêuticos. O modelo de formação adotado pelas duas instituições foi uma mescla do didático-pedagógico com o cognitivo-cultural, ainda que o modelo científico já despontasse. As duas instituições investigadas refletiram realidades globais nos processos de constituição, organização e implementação de seus cursos, no âmbito do paradigma oralista. Esta circularidade de referenciais teórico-práticos e de modelos de formação docente foi resultado de como os agentes escolares se relacionaram, incorporando/compartilhando conhecimentos que ultrapassaram as barreiras nacionais.

Palavras-Chave: Educação Especial; Formação de Professores; Educação Comparada; Instituto Nacional de Educação de Surdos; Instituto Jacob Rodrigues Pereira.

¹ Professora, desde 1993, do primeiro segmento do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1 CAP-INES), fonoaudióloga e psicopedagoga. Mestre e doutora em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3414-884X> E-mail: geise19666@yahoo.com.br.



Abstract

The article in question sought to analyze how the influence of the world educational scenario took place in the Normal Course (1951-1957) and in the Specialization Courses for Teachers of the Hearing Impaired (1957-1972 / 1981-1985), of the National Institute for the Deaf and Mute (INSM) / National Institute for the Education of the Deaf - INES, in Brazil, and at the Jacob Rodrigues Pereira Institute - IJRP (1952-1956 / 1961-1963 / 1982-1984), in Portugal, shedding light on the relationship they established. The theoretical-methodological framework of the comparative studies was used, in the terms of Nóvoa (1995, 1998), in the theoretical perspective of the world system articulated to the approach of socio-historical perspectives. Analyses of oral and written sources indicate that the courses referred to, in the two countries in question, were inscribed in the clinical-pedagogical conception, in the organizational and attitudinal structure that marked and singularized special education, with the teaching of the hearing impaired serving, predominantly, for therapeutic purposes. The training model adopted by the two institutions was a mix of didactic-pedagogical and cognitive-cultural, even though the scientific model was already emerging. The two institutions investigated reflected global realities in the processes of constitution, organization and implementation of their courses, within the scope of the oralist paradigm. This circularity of theoretical-practical references and models of teacher training was the result of how school agents related, incorporating / sharing knowledge that surpassed national barriers.

Keywords: Special Education; Teacher Training; Comparative Education; National Institute of Deaf Education; Jacob Rodrigues Pereira Institute.

INTRODUÇÃO

O presente artigo retrata parte de minha tese de doutorado², que teve como objetivo identificar a circulação de ideias pedagógicas e modelos de formação docente no Curso Normal (1951-1957) e nos Cursos de Especialização de Professores de Deficientes Auditivos (1957-1972/1981-1985), do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM) / Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no Brasil, e no Instituto Jacob Rodrigues Pereira - IJRP (1952-1956/1961-1963/1982-1984), em Portugal, lançando luz à relação que estabeleceram.

Para efeito desse manuscrito, busquei analisar como se deu a influência do cenário educacional mundial, nos cursos apontados,

² Essa tese de doutorado em Educação teve financiamento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nº do processo 99999.008283/2014-01.





utilizando o referencial teórico-metodológico dos estudos comparados, nos termos de Nóvoa (1995, 1998), na perspectiva teórica do sistema mundial articulada à abordagem das perspectivas sócio-históricas.

Os docentes formados nas instituições pesquisadas atuaram na educação especial, que ditava os elementos conceituais, organizacionais e normativos subjacentes à prática pedagógica.

Para Mazzotta (1993), a educação especial deve garantir a ação pedagógica ou potencializá-la, contando com condições, tais como: profissionais especialmente preparados e qualificados para atuação no magistério especial; adaptações curriculares ou currículos especiais; uso de equipamentos, aparelhos e materiais específicos para o auxílio à prática educacional, entre outros.

Ainda segundo o autor, cada tempo histórico demanda um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais que são organizados para apoiar ou, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, se ocupando da educação formal dos alunos que apresentem necessidades educacionais diferentes da maioria do alunado.

A pesquisa documental investigou as conexões, provenientes de realidades educacionais mundiais, que aproximaram os cursos de formação docente do INSM/INES e do IJRP e evidenciou a ocorrência de fenômenos educacionais que se desenrolaram no mesmo arco temporal, entre as décadas de 1950 e 1980.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ideia da autonomia das sociedades nacionais e de suas histórias é contestada por Nóvoa (1995, 1998), que chama a atenção para a rede de relações tecidas pelos sujeitos institucionais, por suas práticas e discursos pedagógicos que assumem uma escala global.

O autor, no âmbito dos estudos comparados em educação, defende a perspectiva teórica do sistema mundial, que se ocupa do trabalho de identificação dos processos de difusão cultural nas





reconstruções históricas, evidenciando as interdependências transnacionais das unidades comparadas em termos de organização e constituição de seus sistemas educacionais. Esta abordagem ilumina a dimensão global de aspectos/fenômenos que eram observados tão somente no plano nacional.

Essa configuração teórica se articula à abordagem das perspectivas sócio-históricas, que analisa o sentido histórico dos fatos, entendendo a realidade a partir de sua natureza subjetiva e dos sentidos que os sujeitos atribuem a ela, através de suas ações e práticas discursivas.

O foco do pesquisador recai nas inter-relações entre as unidades comparadas que, por sua vez, podem evidenciar ligações históricas entre as mesmas, *as connected histories*, significando que “estas histórias estão ligadas, conectadas, e que se comunicam entre si” (GRUZINSKI, 2001. p. 176), desconstruindo a ideia de que as mesmas foram gestadas somente no plano nacional.

Nessa visão, o pesquisador deverá se debruçar na análise de práticas e vivências do cotidiano escolar que rompem silêncios através da percepção dos sentidos que os agentes institucionais atribuem às suas ações educativas, visto que eles são responsáveis pela construção dos discursos pedagógicos em diferentes espaços-tempo.

Nesse sentido, a pesquisa realizada se mostrou um exercício de reconstrução histórica na medida em que explorou a dimensão desses discursos em termos de difusão mundial de paradigmas, ideologias, saberes, métodos e modelos.

METODOLOGIA

A pesquisa documental ocupou-se do esquadriamento da experiência humana sob a forma de vivências, crenças, atitudes, significados, aspirações, motivações, interesses e relações de poder que permearam as ações dos sujeitos e instituições, condicionados social e historicamente (VIEIRA, et al., 1998). Assim, houve um esforço em procurar entender o funcionamento das instituições





escolares referenciadas através dos vestígios das ações históricas dos sujeitos e das suas múltiplas representações da realidade.

Nesse sentido,

O documento não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento (VIEIRA et al., 1998 p.15).

Para conferir uma identidade histórica a seus sujeitos e às instituições escolares investigadas, os dados foram produzidos em uma dialética entre fontes (escritas e orais) e referenciais teórico-metodológicos, o que possibilitou o distanciamento “das rotinas de descrições narrativas” (NORONHA, 2007, p. 166).

Com a ampliação da noção de documento, a pesquisa documental alargou a natureza das fontes de informação, resgatou o sentido histórico dos processos educacionais, não resvalando no anacronismo, compreendendo que as instituições investigadas refletiram realidades globais, evidenciando que o conhecimento não ficou circunscrito à escala nacional.

A opção metodológica pela História Oral deu-se por entender que a mesma consiste em uma corrente historiográfica que enfatiza “fenômenos e eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais” (LOZANO, 2006, p. 16). Esta metodologia, portanto, permitiu analisar, interpretar e situar historicamente os depoimentos orais, acompanhada de outras fontes documentais, buscando diferentes maneiras de investigar um mesmo ponto com a triangulação dos dados.

Ademais, a História Oral, valendo-se das entrevistas em uma perspectiva que vai muito além da adoção de uma simples técnica de investigação, colaborou na busca por um sentido do passado, por parte do depoente, que na maioria das vezes não passou pela verdade absoluta, mas por uma das versões possíveis da realidade apreendida pelo sujeito.





Nessa ótica, os relatos orais possibilitaram perceber os princípios e normas que regeram os comportamentos dos sujeitos educacionais, a forma como se apropriaram dos modelos conceituais, dos conhecimentos e saberes provenientes de seus percursos formativos e como estes subsidiaram o ofício docente e as relações que estabeleceram com os diferentes subgrupos de agentes das instituições investigadas, formando redes de sociabilidade que serviram aos seus mais diversos interesses.

Com a adoção do referencial teórico-metodológico da educação comparada, professado por Nóvoa (1995, 1998), a investigação não se limitou à detecção das semelhanças e diferenças, convergências e divergências entre as instituições referenciadas, apostando-se na iluminação de suas relações com o cenário educacional mundial.

A pesquisa foi realizada no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), situado na Rua das Laranjeiras, 232, no bairro de Laranjeiras da cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra o Espaço Memória que conta com a Biblioteca Ana Rímoli de Faria Dória, com um acervo iconográfico e documental; o Arquivo Corrente da instituição, sob os auspícios do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico (DDHCT) e da Divisão de Estudos e Pesquisas (DIESP) e o Arquivo Permanente do Instituto.

A outra instituição investigada, o Instituto Jacob Rodrigues Pereira (IJRP), pertencente à Casa Pia de Lisboa, em Portugal, tem seu espólio documental concentrado em dois locais: no Centro de Documentação e Biblioteca do Centro Cultural da Casapiano, da Casa Pia de Lisboa, e no Acervo Histórico do Centro Cultural da Casapiano, ambos localizados na Rua dos Jerónimos, nº 7 A, 1400-210, Belém, Lisboa.

As fontes documentais escritas investigadas nos acervos históricos, centros de documentação e bibliotecas, no Brasil e em Portugal, foram: leis; decretos; anteprojetos; regulamentos; regimentos; grades curriculares; fichas de matrículas dos cursistas; históricos escolares; fichas funcionais dos professores e seus diários





de classe; lista do corpo docente; livros; manuais; anais de Campanha; periódicos (jornais e revistas); atas; relatórios; anuários e ordens de serviço.

Também foram entrevistadas quatro professoras que trabalharam no ensino primário do INES, tendo cada uma delas se formado em anos diferentes do Curso Normal da instituição, e também ministrado aulas nos Cursos de Especialização de professores de deficientes auditivos do Instituto; três professores do Instituto que estão em exercício docente e fizeram os cursos de especialização no INES, na década de 1980, e uma professora do Curso Normal do INSM, que também deu aulas no Curso de Especialização da instituição, até o ano de 1972.

Em Portugal, foram entrevistadas duas professoras que fizeram o Curso de Especialização no ensino do deficiente auditivo, nas décadas de 1950 e 1960, no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, que além de trabalharem como professoras das séries iniciais também foram professoras dos cursos de especialização subsequentes, mantidos pela instituição. Uma dessas professoras é considerada até hoje uma referência na área da surdez, em Portugal

A fim de contemplar os limites desse artigo, somente três entrevistas foram analisadas. A seguir apresento um breve resumo das formações e atuações na área da surdez e nas instituições investigadas das docentes que colaboraram com seus depoimentos à pesquisa realizada:

A professora Laura Georgina Castelão Vaz foi entrevistada no dia 22 de maio de 2015 em sua residência, na cidade de Lisboa, Portugal. Essa docente fez o primeiro curso de especialização oferecido pelo IJRP (1952-1953) e trabalhou por mais de trinta anos como professora das séries iniciais do ensino fundamental nesta instituição. Também fez parte do corpo docente dos três cursos de especialização no ensino dos surdos-mudos, subsequentes ao que realizou, ministrando a disciplina “Educação sensorial e ritmo”. Frequentou o Curso de Alta Cultura do Ministério da Educação, como aluna bolsista, realizando pesquisas no IJRP por onze anos.





Escreveu inúmeros relatórios de pesquisas e artigos para a revista “A Criança Surda”, da Associação Portuguesa Para o Progresso do Ensino de Surdos-Mudos, do IJRP. Suas pesquisas sempre tiveram como objeto de estudo o ritmo como elemento primordial para a educação do deficiente auditivo, na vertente oralista.

A docente Maria Celeste Monerat concedeu entrevista em 27 de junho de 2014. Formada na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi/UB) e na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi professora do Curso Normal do INSM onde ministrou as disciplinas Desenho, Artes Aplicadas e Recursos audiovisuais. Também ministrou essa disciplina até 1972 nos cursos de especialização do INES. Igualmente, foi professora de português nas turmas ginasiais do Instituto Guanabara, instituição escolar da rede particular de ensino.

Maria Augusta Conde Amaral foi entrevistada em 04 de maio de 2015, em sua própria residência, na cidade de Lisboa. Fez Curso do Magistério Primário de Évora, em 1957, tendo atuado como professora do 1º ciclo do ensino fundamental no período compreendido entre 1952 a 1963; fez o Curso de Professor Especializado em Educação e Reabilitação de crianças e jovens surdos, no IJRP/ CPL, em 1962-1963, tendo exercido o cargo de professora especializada em deficiência auditiva do 1º ciclo do ensino fundamental nesse Instituto entre os anos de 1963 e 1971; foi professora nos Cursos de Formação de Professores de Deficientes Auditivos, promovidos pelo Centro de Formação de Pessoal da Direcção-Geral da Assistência, entre os anos de 1966 e 1971; exerceu o cargo de professora e coordenadora do Curso de Preceptores na CPL, entre os anos de 1975 e 1977.

Em 1983 fez Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; em 1989 fez o curso de mestrado em Literaturas Clássicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; em 1991 fez qualificação em Ciências da Educação, na Universidade Aberta de Lisboa e em 2002 concluiu o curso de Doutorado em Linguística Aplicada, na Universidade de





Lisboa, com a tese: “Língua Gestual e leitura em crianças surdas. Trabalhou ainda como professora especializada de Língua Portuguesa, no IJRP/CPL, entre os anos 1983-1992, no segundo segmento do ensino fundamental e ensino secundário; de 1984 a 1992 trabalhou como professora assistente-convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; em 1995 atuou como professora do Curso de Especialização em Língua Gestual e Surdez na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e de 2004 a 2005 ministrou aulas no Curso de Especialização e Pós-Graduação em Educação e Ensino de Surdos, na Universidade Moderna. Exerceu o cargo de diretora geral do IJRP/CPL entre os anos de 1992 e 2007.

A CONEXÃO DOS INSTITUTOS COM O CENÁRIO EDUCACIONAL MUNDIAL

Instituições educacionais como o INSM/INES, no Brasil, e o IJRP, em Portugal, envolvidos com o ensino de surdos e formação de seus professores fizeram o movimento de olhar para o “mundo” a fim de encontrar referências e orientações para a construção de seus modelos de educação.

Guiado pelo olhar eurocêntrico, os professores dessas instituições (assim como os da educação geral) tinham na Europa, especialmente na França, a categoria teoricamente capaz de servir de referência para a organização do ensino e a formação de professores.

Dessa forma, no século XIX, os primeiros cursos de formação de professores de surdos, no Brasil e em Portugal, assumiram um pensamento educacional convergente, com base no paradigma oralista, que associava o surdo/surdez à *anormalidade*, *enfermidade*, cujo princípio norteador foi o ensino da língua oral do seu país.

Os gestores e professores dessas instituições recorriam às práticas comparativas como um elemento de legitimação internacional das medidas adotadas no nível nacional. Daí a afirmação de Santos (1918, p. 68) de que “o método oral puro era





universalmente adoptado e *seguido em todos os institutos do mundo* [grifo meu]”.

A influência francesa, nas décadas de 1950 e 1960, ainda que existente, deixou de ser predominante no IJRP e no INSM/INES, dando lugar à inglesa e a norte-americana.

Em 1951, o professor Antonino Gonçalves Amaral, docente do IJRP, realizou um curso de formação de professores de deficientes auditivos no *Department for the teaching of the Deaf*, da Universidade de Manchester, Inglaterra, “o melhor e mais adiantado estabelecimento de preparação de professores de surdos-mudos da Europa, senão do mundo” (TAVARES, 1952, p. 2). O objetivo foi reciclar os conhecimentos na área da surdez, conhecer os modernos métodos de ensino, com a incumbência de, em sua volta, organizar e coordenar um curso de especialização de professores no IJRP.

Portanto, a prática pedagógica dos professores de Portugal, na década de 1950/1960, foi (re)construída a partir de novas metodologias, mas ainda fundamentada no paradigma oralista, segundo Vaz (2015):

Em Portugal, não havia livros sobre a educação dos deficientes auditivos. Quando o Antonino [Gonçalves Amaral] estudou em Manchester, Inglaterra, trouxe alguns livros de lá. Também encomendávamos livros sobre a educação de surdos em países como Alemanha e França, países que estavam desenvolvidos na área do ensino da surdez.

Os conhecimentos que se originavam do cenário internacional eram compartilhados pela Associação Portuguesa para o Progresso do Ensino de Surdos-Mudos (APPEM). Um de seus maiores objetivos era fomentar o contato internacional e a atualização constante dos conhecimentos. Além disso, intencionava que o IJRP realizasse intercâmbio cultural “com professores da especialidade, médicos e outras individualidades ligadas por estudos comuns” (LOURENÇO, 1956, p. 100).





O local para divulgação desses conhecimentos era a Revista A Criança Surda³, um repositório das experiências e reflexões teóricas da cultura profissional portuguesa, com circulação internacional também.

Em contato estreito com profissionais das mais diversas nacionalidades, os gestores e professores do IJRP adquiriram conhecimentos a respeito da evolução do ensino de surdos, das novas tecnologias e dos melhores modelos de formação docente.

As instituições que serviram de referência para Portugal e também para o Brasil adotaram a visão clínico-pedagógica da surdez, moldando o seu ensino na vertente oralista e direcionando o modelo de formação para a mescla do didático-pedagógico com o cognitivo-cultural, ainda que o modelo científico já despontasse, consubstanciado por meio de pesquisas, sobretudo, na Suécia, Holanda, França, Inglaterra e Estados Unidos nas décadas de 1950/1960.

Apesar de a Inglaterra ter se constituído como a referência principal nos Cursos de Especialização do IJRP, a influência francesa ainda se fazia sentir na formação dos docentes de deficientes auditivos (junto com a holandesa e sueca). Foi feito um investimento na formação de uma das professoras desses cursos, Maria Alice Ribeiro Costa, recém-formada na primeira edição do Curso de Especialização, em 1954:

Como bolsista do Centre Internationale de l'Enfance, estive em Paris, desde 28 de Fevereiro até 26 de Março de 1955, a professora do Instituto de Jacob Rodrigues Pereira, Maria Alice Ribeiro Costa, a fim de frequentar um curso sobre "Os problemas de crianças portadoras de enfermidades sensoriais e defeitos da fala", organizado pelo mesmo Centro (ASCENSÃO, A CRIANÇA SURDA, 1955, p. 110).

³ Essa revista tinha publicação bi-anual e foi editada entre os anos de 1955 e 1968. O diretor do periódico foi Antonino Gonçalves Amaral (de 1955 até 1967), sendo substituído, nas duas últimas edições, pela professora do IJRP, Maria Alice Ribeiro Costa. Todos os seus números foram encontrados na Biblioteca Nacional de Portugal.





No Brasil, no mesmo recorte temporal, a influência francesa ainda se fazia sentir no discurso e nas práticas de professores como João Brasil Silvado Junior, que citava constantemente o parecer do professor Tholon, antigo inspetor de estudos do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, “para quem o professor de surdos é sempre um professor de linguagem” (SILVADO JUNIOR, 1954, p. 1), e o ensino da linguagem verbal a matéria fundamental na escola de surdos.

Contudo, com a chegada ao INSM, em 1951, da técnica em educação, Ana Rímoli de Faria Dória, para ocupar a direção geral da instituição, a influência francesa foi dando lugar à inglesa, se fazendo sentir na bibliografia utilizada pelos alunos do Curso Normal do INSM/INES (e dos Cursos de Especialização a partir de 1957).

Dois autores ingleses, Irene Ewing e Alex Ewing, docentes da *Manchester University Press*, que se dedicaram a orientar a formação de professores de deficientes auditivos, tiveram seus textos adotados nos cursos de especialização de deficientes auditivos no Brasil e em Portugal, visando o ensino da fala, da articulação, da linguagem, da leitura, dos exercícios rítmicos, do treino auditivo, enfim, de todos os conhecimentos necessários para a prática docente na abordagem oralista de ensino.

Igualmente, o referencial norte-americano, à medida que os EUA se consagravam como a mais nova potência mundial, após a Segunda Guerra Mundial, foi sendo adotado no INSM. Ana Rímoli, alinhada aos pressupostos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação e Cultura (INEP/MEC), passou a relativizar a visão eurocêntrica, que predominava na educação de surdos, quando optou por seguir discursos pedagógicos e modelos de formação americanos a partir da década de 1950.

Para a professora Monerat (2014), Ana Rímoli ao fazer as traduções de textos estrangeiros acabava por inovar o ensino do INES, praticado pelos “professores antigos”, necessitando com urgência de novos referenciais:





Ela era uma pessoa boníssima e muito capacitada. Traduzia todos os livros de Spencer Tracy⁴, que era um norte-americano que tinha um filho surdo, que fundou uma escola nos Estados Unidos e escrevia livros sobre os surdos e para os surdos. Dona Ana recebia esses livros ou encomendava, não sei mais... e ficava no gabinete horas a fio traduzindo esses textos. Ela sabia muito bem inglês! Depois que fazia as traduções, mandava encadernar e distribuía para os alunos dos cursos e também para os professores. Era um trabalho muito importante e que ninguém mais fazia (MONERAT, 2014).

Sócia da Federação Mundial de Surdos (com sede na Itália), Ana Rímoli tinha contato com toda a sorte de materiais produzidos pela entidade e os que esta disponibilizava, advindos das mais variadas instituições de ensino de surdos do mundo (ANAIS DA CAMPANHA PARA A EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO, 1957).

Essa gestora, e professora do Curso Normal do INSM, traduziu e compartilhou muitos textos do *The Volta Bureau*, um centro de informação internacional, com sede em Washington, Estados Unidos, de onde se irradiavam orientações quanto às metodologias orais de ensino ao surdo. Estes cadernos foram distribuídos para os professores do INES até o ano de 1982 (FREITAS, 2012), o que nos dá a dimensão do quanto a abordagem oralista fazia parte do programa institucional do Instituto.

Nas décadas de 1950/1960, esta gestora/professora colocou o INSM/INES a par das inovações no ensino de surdos que se desenvolviam no cenário internacional, amplificando um pensamento educacional na área da surdez que servia de referência para Institutos de surdos do mundo inteiro, de acordo com a Revista de Ensino ao Surdo, uma publicação da Associação Brasileira de Professores de Surdos⁵, um dos veículos utilizados para a

⁴ Na verdade, os livros eram de autoria de Louise Treadwell, esposa do famoso ator americano Spencer Tracy. O casal, em 1924, teve um filho, John Tracy, com surdez profunda. Em 1941 Louise Treadwell fundou a *John Tracy Clinic*, uma instituição particular, na cidade de Los Angeles, Califórnia, EUA, que atendia crianças e adolescentes surdos em seus aspectos clínicos e educacionais, na vertente oralista. Fonte: www.jtc.org. Acesso em 2 de maio de 2016.

⁵ Esta associação foi composta por professores do INSM, médicos (otologistas, principalmente), cientistas e estudiosos que se dedicavam a compreender e





divulgação das produções realizadas pelos profissionais do INSM e de produções internacionais, revelando a inclusão do Brasil no circuito mundial da educação especial.

Esse periódico recebia produções bibliográficas, materiais didáticos e relatórios descritivos das práticas pedagógicas oralistas e sobre a formação docente de várias instituições dos EUA e de países europeus. Além do intercâmbio de ideias, alguns profissionais da instituição também tiveram a oportunidade de visitar algumas dessas instituições e participar de congressos e encontros mundiais que tratavam de temas pertinentes à área da surdez.

A nossa mensagem é lançada a todos os círculos ligados à didática especial do surdo: centros culturais, educacionais, para professores, médicos, etc., e teve acolhida por nós esperada, *principalmente dos países de além-mar* [grifo meu]. Inúmeras cartas e publicações especializadas são recebidas estabelecendo-se assim o intercâmbio cultural que almejávamos (COIMBRA, REVISTA DO ENSINO AO SURDO, 1955, p. 10).

Assim, a revista brasileira colaborava com a difusão de conhecimentos no campo da surdez, divulgando as pesquisas realizadas em âmbito internacional e, neste sentido, contribuía para o aperfeiçoamento do ensino dos surdos e dos modelos de formação docente.

O Brasil, dessa forma, fazia o constante exercício da comparação com os institutos de surdos em nível mundial. Isto ficou nítido na fala do próprio ministro da educação, Clóvis Salgado (1956-1959), durante a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (CESB) com o objetivo de ampliar a rede educativa para a inclusão dos deficientes auditivos: “Pode-se dizer, sem medo de errar, que os métodos pedagógicos aqui [no INES] usados são os mais modernos e eficientes, podendo sofrer confronto com os dos países mais

divulgar o tratamento médico-psico-pedagógico dos distúrbios da palavra e da linguagem dos surdos. As áreas de interesse se estendiam à filosofia, neurologia, anatomia, pedagogia emendativa, metodologias de ensino e pesquisas no campo da surdez. Um de seus grandes objetivos era a difusão de conhecimentos neste campo, tendo se empenhado “na obtenção de bolsas aos que se dedicarem a êstes estudos na esfera internacional” (COIMBRA, REVISTA DO ENSINO AO SURDO, 1955, p. 23).





avançados (ANAIS DA CAMPANHA PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS, 1957, p. 9).

No decreto de criação da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (CESB), organizada e executada pelo INES, com financiamento do MEC, em seu artigo 3º, assinado por Juscelino Kubitschek e Clóvis Salgado, são notabilizados dois objetivos que dimensionam o quanto o conhecimento do *outro* era necessário enquanto referência de ensino e de modelo de formação para a unidade nacional:

(...) financiar bolsas de estudos, inclusive transporte de bolsistas, no país e no estrangeiro, para fins de aperfeiçoar e formar pessoal especializado na pedagogia emendativa e manter um serviço de intercâmbio com instituições nacionais e estrangeiras ligadas ao problema dos deficientes da audição e da fala (ANAIS DA CAMPANHA PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS, 1957, p. 9).

No ano de 1976, na gestão de Carlos Pinto Ascensão, no IJRP, a professora Maria Augusta do Amaral, à época exercendo a função de coordenadora pedagógica, iniciava uma pesquisa em nível internacional, financiada pelo Instituto de Investigação Científica, do Ministério da Educação, travando contato com departamentos de Linguística de universidades de Roma, Amsterdã, Madri e França com o intuito de comprovar que a língua de sinais possuía o mesmo estatuto das línguas orais-auditivas. Era a primeira vez que a filosofia oralista era colocada em xeque na instituição, ainda que fosse adotada até o início dos anos 1990.

No Brasil, no ano de 1981, o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP/MEC) desenvolveu um projeto que foi fruto de um convênio com a UNESCO. Denominado “Tecnologia Aplicada à Educação”, visava abastecer o instituto brasileiro com moderna instalação de materiais, equipamentos e de próteses.

Com a verba angariada pelo projeto e por sugestão de Álpia Couto-Lenzi (ex-normalista do INSM), que passou a trabalhar no CENESP reformulando o currículo dos cursos de especialização do INES em 1981-1985, fundamentados ainda pela filosofia oralista, foi





criado o “Centro de Diagnóstico da Surdez e Adaptação de Próteses Auditivas”, além do “Laboratório de Fonética Aplicada”, no INES.

A influência francesa voltou a predominar durante esta década no instituto, pois nesta ocasião a UNESCO nomeou o linguista francês, Dr. Guy Perdoncini, o coordenador do projeto ficando Álpia Couto-Lenzi responsável pela sua execução no Brasil e, juntos, ministraram vários cursos no INES e palestras na França relatando o trabalho realizado na instituição brasileira. Neste sentido, o INES participava do cenário educacional como um “produtor” de conhecimentos na área da surdez.

Foi somente no início dos anos 1990 que o INES, instigado pela literatura internacional e pressões de alunos, docentes e pesquisadores, começou a discutir a hegemonia do paradigma oralista, realizando uma série de fóruns com os agentes escolares (FREITAS, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada, as duas instituições de formação de professores de deficientes auditivos, o INSM/INES (no Brasil) e o IJRP (em Portugal), refletiram realidades globais nos processos de constituição, organização e implementação de seus cursos. Esta circularidade de referenciais teórico-práticos e de modelos de formação docente foi resultado de como os agentes escolares se relacionaram, incorporando/compartilhando conhecimentos que ultrapassaram as barreiras nacionais.

As teorias pedagógicas que circularam nesses cursos se constituíram enquanto instrumentos de formação, veículos do discurso pedagógico e de mobilização de referenciais internacionais que intencionaram orientar o ofício docente que se construía até então quase que exclusivamente pela prática das ações pedagógicas dos professores mais experientes (ou “mais antigos”).

As análises dos modelos de formação adotados permitem afirmar que ambos os institutos primaram por um discurso pedagógico (e também político) que enfatizou a necessidade de uma





preparação profissional mais técnica do que acadêmica do futuro professor de deficientes auditivos com o ensino de técnicas e metodologias pedagógicas.

A pesquisa também constatou, em menor medida, a produção de conhecimentos cognitivo-culturais e científicos que foram produzidos e compartilhados por periódicos como A Revista do Ensino ao Surdo, publicação da Associação de Professores de Surdos do INSM/INES e a Revista A criança Surda, da Associação Portuguesa para o Progresso do Ensino de Surdos-Mudos (APPESM) do IJRP.

Essas publicações foram resultado do fenômeno de internacionalização da educação (e da educação especial, igualmente) que primou pela difusão de conhecimentos educacionais e de modelos de formação. Desta forma, se constituíram como uma fonte representativa do conhecimento educacional especializado, na medida em que atuavam como veículo das produções dos atores institucionais que operavam a uma escala internacional.

Cabe ressaltar, pois, que essas produções eram revestidas da autoridade de um conhecimento do tipo científico-pedagógico que os especialistas da educação, os médicos e os psicólogos fabricavam e disseminavam, consolidando um *corpus* de saberes.

Essa circulação de saberes especializados indica um fluxo de conhecimento que interconectou dois institutos que percorreram trajetórias similares ao se apropriarem de um discurso-prática, em nível global, que serviu para a construção histórica de um determinado modelo de formação docente que inscreveu, ao longo das décadas de 1950 a 1980, principalmente, certas permanências estruturais na organização do ensino e do currículo dos cursos de formação/especialização que ofereceram.

Desta feita, os cursos investigados sofreram influência em suas organizações de uma realidade global que expressou a forma como os agentes escolares se relacionaram, tendo suas ideias ultrapassado os limites nacionais.





Os professores e gestores das instituições brasileira e portuguesa se esforçaram na apropriação dos elementos que eram determinantes para a organização de um ensino de excelência para os deficientes auditivos, na vertente oralista, sendo o discurso e a experiência do *outro* primordiais para a formação dos docentes e posterior exercício profissional.

A visão clínico-pedagógica foi assumida por ambas as instituições investigadas, sendo os “surdos-mudos” percebidos e tratados como *deficientes*, *excepcionais*, *anormais* e *enfermos*. A integração destes discentes à sociedade se daria tão somente através da aprendizagem da fala, daí o seu ensino se constituir como a principal atividade a ser realizada pelo professor especialista, e a necessidade da formação oferecida instrumentalizá-lo para desempenhar esta tarefa.

O modelo corporativo, nessa perspectiva, continuou a ser adotado, visto que a aprendizagem dos normalistas com os pares mais experientes, através da prática do estágio, foi um elemento essencial para o domínio do fazer pedagógico. Foram encontrados fartos documentos que indicam que ambas as instituições de formação priorizaram o contato dos *alunos-mestres* com os professores em exercício, oportunizando o compartilhamento da experiência dos pares mais antigos com os futuros docentes.

Fica evidenciado com a análise das fontes orais e escritas que os cursos investigados refletiram em sua constituição e organização de realidades globais que expressaram os modos pelos quais os agentes escolares se relacionaram, seja presencialmente, seja através do plano das ideias, ultrapassando as barreiras nacionais e colocando em causa a independência dos Estados-nação, referenciado por Nóvoa (1995, 1998).

Somente a circularidade desses conhecimentos, em um contexto mundial, explicaria a homogeneidade das concepções de surdos/surdez, das práticas pedagógicas e da construção de um perfil ideal de professor presente nas instituições comparadas.





O INSM/INES e o IJRP ao incorporarem unidades geradoras de sentido acerca da educação de surdos, que foram importadas de contextos internacionais, transnacionais, acabaram por convergir em termos de conceptualização das práticas pedagógicas, na constituição da legislação educacional, no currículo dos cursos, em seu plano organizacional e disciplinar, adotando os mesmos modelos de formação docente, com a predominância do didático-pedagógico mesclado ao cognitivo-cultural, em menor proporção.

Esses processos de homogeneização foram resultado da incorporação de elementos simbólicos presentes nos discursos pedagógicos e científicos que circularam em nível internacional, legitimando as escolhas das instituições referidas na busca pela excelência do ensino de surdos e da formação de seus professores.

A circulação, em uma escala internacional, de bibliografia, de artigos científicos, de revistas especializadas, de experiências pedagógicas bem sucedidas, de pesquisas, alinhados à corrente oralista, e o intercâmbio de profissionais e a relação travada entre o INES e o IJRP através de suas respectivas associações de professores e nos congressos internacionais contribuíram para a difusão do conhecimento acerca da educação de surdos conectando, de forma indireta e direta, estas duas instituições escolares.

Com alcance internacional, os manuais foram de grande valia para a aprendizagem do *passo a passo* do ofício docente, outra razão para entender a relativa homogeneização do fazer pedagógico na área do ensino de surdos que observamos nas unidades comparadas, principalmente quanto ao ensino da língua oral para os deficientes auditivos e da aplicação dos exercícios e técnicas para o treinamento auditivo e leitura da fala (ou leitura labial).

Ana Rímoli de Faria Dória, uma *intelectual* (nos sentidos atribuídos por Sirinelli, 1996), autora do manual de Educação da criança surda (1957) e se dedicando também a fazer inúmeras traduções de obras estrangeiras, teve suas produções assumidas,





nos termos dessa pesquisa, enquanto instrumentos de formação e veículo dos discursos pedagógicos.

Os livros dessa gestora e professora figuraram não só nas bibliografias utilizadas nos cursos do INSM/INES como nos do IJRP. Isto se deu porque ambas as instituições primaram por uma preparação dos futuros professores de deficientes auditivos mais técnica do que acadêmica.

Na medida em que o ensino da fala assumia a centralidade do fazer pedagógico, a escolarização propriamente dita dos discentes surdos ficava secundarizada, o mesmo acontecendo nos contextos internacionais, visto que deles emergiam os elementos conceituais, epistemológicos e curriculares.

Não obstante encontrarmos essas fragilidades no tocante à escolarização dos discentes surdos nos cursos investigados, no Brasil e em Portugal, registramos, contudo, indícios da criação de programas institucionais muito bem orquestrados e de longa duração, fundamentados conceitualmente e consubstanciados através da interação docente com os demais agentes educacionais “no trabalho sobre o outro” e nos processos formativos.

Dada a força com que se construiu, pode apresentar vestígios nas práticas dos professores que foram formados/informados nesse tipo de socialização profissional, na medida em que podemos encontrar docentes que ainda hoje, em seus depoimentos, nas instituições investigadas, avaliam seus alunos surdos como *deficientes*.

Isso acontece porque a decadência do programa institucional não se faz de maneira total nem homogênea, subsistindo na instituição escolar muitos elementos que o compõe, sob a forma de esquemas conceituais, cognitivos e morais e no tipo de relação profissional, o que nos leva a pensar que o oralismo pode adquirir outras roupagens, ser “repaginado”, continuando a existir no sistema de crenças do professor, ainda que exposto a novas teorias.

Desconstruir crenças urdidas por séculos é uma tarefa complexa, visto que sendo o trabalho docente uma ação coletiva





organizada acaba por formar grupos capazes de construir barreiras para salvaguardar suas identidades docentes, rechaçando projetos de inovação pedagógica que possam desestabilizar suas plataformas profissionais.

REFERÊNCIAS

ANAIS DA CAMPANHA PARA A EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO.- (s.n.): Ministério da Educação e Cultura, 1957. – 35 p.; 30 cm Educação Especial/Ensino **Especial/Surdos/Deficiências Auditivas** COTA: CDC EE-DA 201.

ASCENSÃO, Carlos Pinto. A Criança Surda, **Revista da Associação Portuguesa para Progresso do Ensino de Surdos-Mudos**, ano I, n. 2, out, pp. 1-235, 1955. Cota: P.P. 5513 P.

COIMBRA, Tarso de. **Revista de Ensino ao Surdo**. Publicação da Associação Brasileira de Professores de Surdos, Rio de Janeiro, Distrito Federal, ano I, n. 4 e 5, 1955.

DÓRIA, Ana Rímoli de Faria. **Manual de Educação da Criança Surda**, MES, 1957.

FREITAS, Geise de Moura (2012). **A construção de um projeto de educação bilíngue para surdos no Colégio de Aplicação do INES na década de 1990: o início de uma nova história?** Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, UFRJ.

GRUZINSKI, Serge (2001). **Os mundos misturados da monarquia católica e outras histórias connected histories**. Topoi. Rio de Janeiro, pp.175-195, mar.

LOURENÇO, Albertina de Jesus. Breve resumo histórico da educação de surdos em Portugal. In: **Revista A Criança Surda**, n. 3. Lisboa, pp. 76-102, 1956.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves (2006). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira (1993). **Trabalho Docente e Formação de Professores da Educação Especial**. São Paulo: EPU.

NORONHA, Olinda Maria (2007). Historiografia das instituições escolares: contribuição ao debate metodológico. In: NASCIMENTO, M.I.M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J.C e SAVIANI, D. (Orgs.).





Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, (Coleção memória da educação).

NÓVOA, António Sampaio da (1998). L'histoire et l'histoire de l'éducation. In NÓVOA, António Sampaio da **Histoire & Comparaison** (Essaissurl'Éducation). Lisboa: Educa, pp. 13-50.

NÓVOA, António Sampaio da (1995). Modelos de análise em educação comparada: o campo e a carta. **Les Sciences de l'éducation pour l'ère nouvelle**, n. 2-3, pp. 9-61. Tradução de Ana Isabel Madeira, pp. 1-31.

SANTOS, Ary. O ensino dos surdos-mudos em Portugal. Comunicação feita à Sociedade de Estudos Pedagógicos. Tip. Casa Portuguesa. **Cadernos do Projeto Museológico sobre Educação e Infância**. Escola Superior de Educação de Santarém – Complexo Andaluz, 2000. Santarém Cota: ED/ESPSNT ENS, 1918.

SILVADO JÚNIOR, João Brasil. Através dos princípios de linguagem humana. **Revista de Ensino ao Surdo**. Associação Brasileira de Professores de Surdos, DF, ano I, n. 3, 1954.

SIRINELLI, Jean-François (1996). Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Tradução de Dora Rocha, 1996, pp. 231-269.

TAVARES, Pedro de Campos. **Ordem à Casa Pia de Lisboa**, 1 de ago, 1952, nº 38. Cota: CDC ADM-ORD 11/2.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, M. A. (1998). **A Pesquisa em História**. 4. ed. São Paulo: Ática.

Artigo recebido em: 31 de maio de 2020

Aceito para publicação em: 20 de junho de 2020

